

CIDADE E REGIÃO: RELAÇÕES ENTRE MONTES CLAROS E AS PEQUENAS CIDADES DO NORTE DE MINAS GERAIS (BR)

Anete Marília Pereira¹ (anete.pereira@unimontes.br)

Prof^a. Dr^a. Beatriz Ribeiro Soares (brsoares@ufu.br)

Universidade Federal de Uberlândia - UFU

Instituto de Geografia Av. João Naves de Ávila, 2121 - Bloco 1H

Campus Santa Mônica - CEP: 38.408-100 - Uberlândia - Minas Gerais - Brasil

Considerações iniciais

O presente artigo constitui uma retomada dos estudos sobre as relações entre cidade e região, aplicados à realidade do Norte de Minas Gerais, área conhecida nacionalmente pela sua condição de “bolsão de pobreza”. Partindo da premissa de que a divisão territorial do trabalho atribui a alguns segmentos e lugares um papel privilegiado na organização do espaço, o nosso principal objetivo é compreender o papel regional de Montes Claros, concomitante à tentativa de proposição de uma metodologia que possibilite estudar também as pequenas cidades, que compõem a referida região. Para tanto, além da revisão bibliográfica sobre a temática em questão, visitamos todas as cidades, nas quais realizamos entrevistas. Buscamos, assim, associar o trabalho teórico ao empírico. A compilação dos dados culminou com a elaboração de mapas, gráficos e tabelas, que mostram as principais relações que se estabelecem entre a cidade e a região.

Estruturamos o artigo em três partes, sendo que a primeira delas compreende uma caracterização geral da área de estudo. Na segunda parte discutimos a relação que a cidade de Montes Claros mantém com a região norte-mineira, sob a ótica dos serviços e, finalmente, apresentamos as principais conclusões até então obtidas.

A região Norte de Minas: breve caracterização

Pensar o espaço regional, buscando compreender a dinâmica, as funções e os fluxos que definem o papel regional da cidade de Montes Claros, constitui um grande desafio. Isso porque “falar de região é caminhar em um terreno cheio de labirintos e de armadilhas epistemológicas” (Paviani, 1992, p.372), devido à polissemia desse

¹ Doutoranda em Geografia na Universidade Federal de Uberlândia - UFU - e professora do Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Montes Claros

conceito. Entretanto, é um tema essencial à análise geográfica, conforme salientado por Becker e Egler (1994, p. 14)

o conceito de região está associado ao trabalho do geógrafo. Deixá-lo de lado é abandonar um signo que identifica a Geografia perante as demais ciências. Repensar a região hoje significa uma maneira de contribuir para a superação da crise das ciências sociais e colaborar, enquanto geógrafo, na compreensão e impasses do mundo contemporâneo...

Os estudos, que se reportam à temática, demonstram que há, na atualidade, um contínuo processo de formação e transformação das regiões, que são construções sociais, resultantes da atuação de múltiplos agentes. Além disso, na análise regional precisamos ressaltar a necessidade de considerar as mudanças e permanências que caracterizam o processo de urbanização brasileiro.

Como a urbanização brasileira não é um processo homogêneo no tempo e no espaço, é possível produzir diversas abordagens desse processo, pois, em cada parte do território nacional, ele apresenta características específicas. Observamos hoje um novo patamar da divisão internacional do trabalho e da divisão territorial do trabalho. Sendo assim, no que diz respeito ao urbano, a totalidade do espaço é uma realidade concreta. No Brasil, essa nova dinâmica do capital revela-nos os grandes contrastes regionais dentro do país. Santos (1985, p. 40) destaca que

podemos falar de uma nova forma de urbanização e de novas hierarquias urbanas, função do fato de que a circulação entre as cidades interessa a diversos daqueles do período anterior. Agora, a circulação de ordens, de mais-valia, de informação, passam ao primeiro plano e se sujeitam a uma hierarquia calcada sobre necessidades que são próprias da cidade ou de regiões agrícolas circundantes, mas que refletem relações menos "naturais". Antes, a circulação era praticamente apenas de produtos. A produção local que ia alimentar a indústria e a população de cidades maiores, dentro ou fora do país, constituía o essencial da atividade urbana, a qual presidia o seu comércio. Hoje, graças ao desenvolvimento dos transportes, boa parte desse comércio pode ser feito diretamente, em direção às grandes cidades, mas, segundo os casos, a atividade produtiva tem uma demanda importante de assessoramento industrial, financeiro, jurídico, etc, que dota as cidades de um novo conteúdo. Essa tendência é tanto mais nítida quanto maior a quantidade de capitais fixos envolvidos na produção. Pelo fato de que aumentar o capital fixo significa que a produção necessita, em maior número, de insumos científicos.

O autor deixa explícito que a técnica e a informação estão redinamizando as relações urbanas na atualidade. Sendo assim, não poderíamos pensar o urbano e o regional sem considerar essa tendência.

No caso específico de Minas Gerais, a maioria dos estudos quase sempre destaca que a grande diversidade de suas regiões, enfatizando a diferenciação regional do seu processo de urbanização. Diversidade que se expressa nas características sociais, culturais e econômicas dos 853 municípios que integram esse estado. De acordo com Queiroz (2001, p. 66),

o estado de Minas Gerais é, provavelmente, uma das regiões mais heterogêneas do país: coexistem no estado regiões dinâmicas, modernas, e com indicadores socioeconômicos de alto nível com localidades atrasadas, estagnadas, que não oferecem a mínima condição de vida para sua população.

Em virtude dessa diferenciação regional, várias são as formas de regionalização do território mineiro. Para fins desse estudo, utilizaremos a divisão do estado em mesorregiões, A mesorregião Norte de Minas, criada pelo IBGE em 1990, ocupa cerca de 128.602 km², o equivalente a 21,85% do estado de Minas Gerais, conforme mostramos na figura 1.

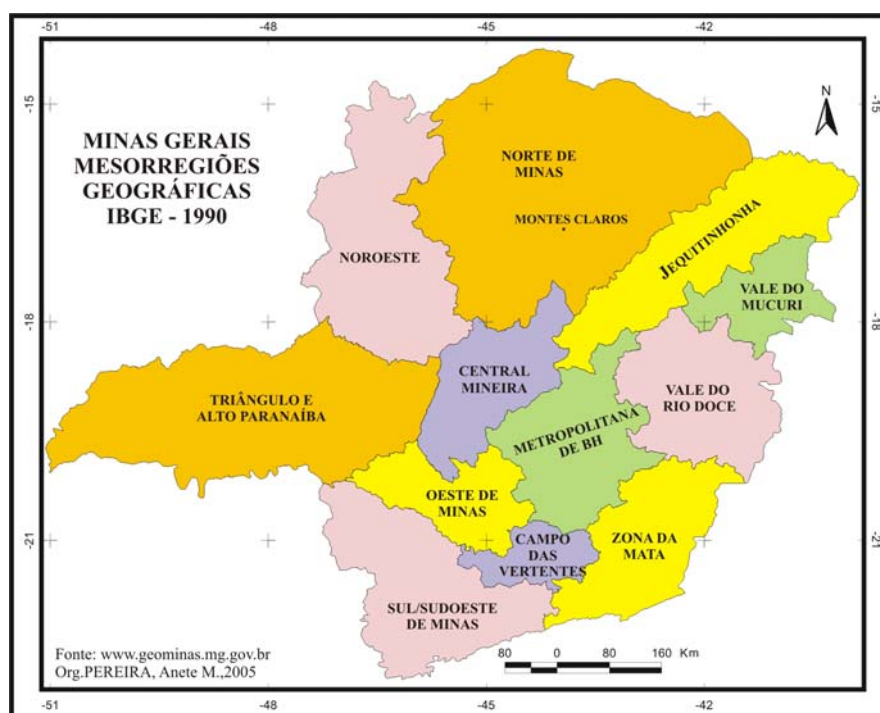


Figura 1: Minas Gerais – mesorregiões geográficas

A figura 2 traz o mapa da divisão municipal do Norte de Minas, composto por 89 municípios.

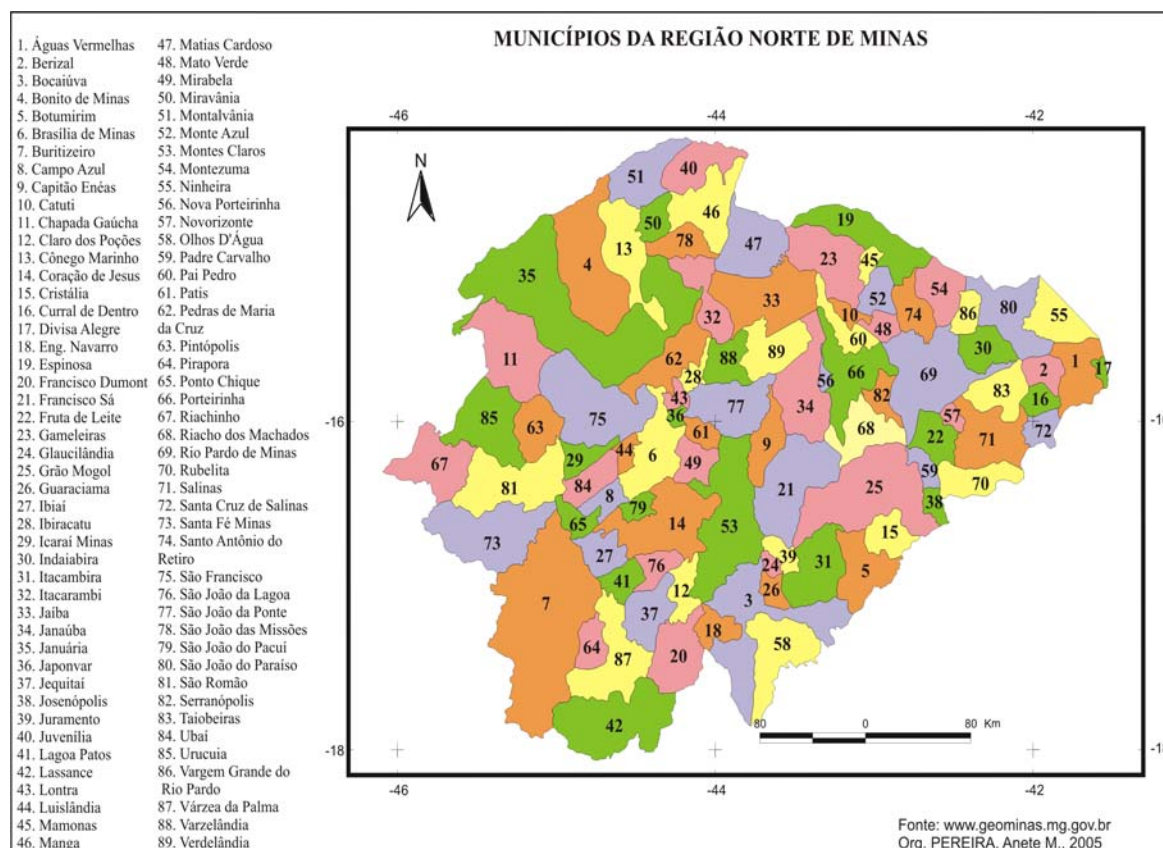


Figura 2: Norte de Minas: Divisão municipal, 2006

O Norte de Minas tem como uma das suas características mais marcantes o fato de localizar-se numa área de transição, tanto do ponto de vista fisiográfico, quanto sócio-econômico. Com seus ecossistemas de cerrado e caatinga, seu clima tendendo à semi-áridez e as precárias condições de vida da maior parte da sua população, apresenta uma maior proximidade com a realidade nordestina.

É comum relacionar a região com a pobreza, a seca, a marginalização, o isolamento regional, a dependência dos municípios frente às transferências da União e do estado, fenômenos que, historicamente, aproximam-na mais do Nordeste brasileiro do que do Sudeste. É considerada como uma região de transição, conforme mostra estudo da FJP (1975, p. 15),

as características de uma região de transição também são encontradas na sua organização espacial e nos padrões de assentamento em que se estruturou. Grande parte da área, povoada em decorrência da expansão dos currais, que subindo o vale do rio São Francisco, vieram a ocupar as grandes extensões dos Gerais, apresenta sua ligação com o nordeste na origem do povoamento e na forma de ocupação então implantada.

Essa idéia também é sustentada por Oliveira (2000, p. 15) ao destacar que

especificamente em relação aos indicadores socioeconômicos, somos obrigados a constatar a gravíssima realidade regional. Os indicadores do Norte de Minas apresentam-se ainda mais desfavoráveis que os do próprio Nordeste/IBGE. Para dar uma dimensão mais exata do problema, basta apenas perceber que, se o Norte de Minas, consolidando-se seus indicadores sociais, for isolado e considerado como um Estado (inclusive é maior que muitos deles), ele será o Estado mais pobre entre todos os demais Estados nordestinos. A situação é tão grave que, ao se agregarem os dados do Norte de Minas à Região Nordeste/IBGE, o Nordeste Legal fica ainda mais pobre em relação ao Brasil.

Ainda nesse sentido, Gervaise (1975) considera que “o norte de minas apresenta talvez o mais espetacular dualismo do Estado a imagem de dinamismo se superpõe a uma tradição de atraso que caracteriza toda a metade norte do Estado”.

Conhecendo mais de perto o Norte de Minas não podemos deixar de dar razão a essa visão dualista da região, através da qual identificamos, concomitantemente, muita pobreza e nichos de riqueza, modernidade e tradicionalismo, produção e escassez, discursos e realidade.

Entretanto, questionamos até que ponto os rótulos utilizados, para caracterizar a região, são verdadeiros ou são uma criação ideológica para atender a determinados interesses de uma classe social. Nessa nossa análise, não podemos desconsiderar a lógica capitalista que interfere, de maneira direta ou indireta, na região. É essa lógica que explica a escolha de pontos estratégicos pelos grandes capitais internacionais para seus investimentos, além do aumento do consumo de bens e serviços, mudanças nos valores e nas práticas sócio-espaciais. E essa dinâmica que produz e reproduz o espaço regional.

Quanto aos aspectos demográficos, o censo 2000 (IBGE) registrou aproximadamente 1.492.715 habitantes no Norte de Minas, população que se encontra distribuída de forma irregular pelo território. A densidade demográfica é de 11,6 hab/

km², média bem inferior à brasileira, que é de 19,92 hab/km². Pirapora (87 hab/ km²) e Montes Claros (85 hab/ km²) representam os municípios com maior população relativa.

A maior concentração populacional ocorre no município de Montes Claros, que possui 342.586 habitantes², o equivalente a, aproximadamente, 21% do total regional. Dos oitenta e nove municípios que compõem a região, a maioria (57) possui uma população absoluta inferior a 20.000 habitantes, conforme mostra a figura 3.

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO DO NORTE DE MINAS POR MUNICÍPIOS E POR CIDADES – 2000

Número de municípios com população > 10.000	57	Número de cidades com população > 10.000	69
Número de municípios com população entre 10.001 – 20.000	11	Número de cidades com população entre 10.001 – 20.000	10
Número de municípios com população entre 20.001 – 30.000	10	Número de cidades com população entre 20.001 – 30.000	05
Número de municípios com população entre 30.001 – 40.000	05	Número de cidades com população entre 30.001 – 40.000	02
Número de municípios com população entre 40.001 – 50.000	01	Número de cidades com população entre 40.001 – 50.000	01
Número de municípios com população entre 50.001 – 60.000	02	Número de cidades com população entre 50.001 – 60.000	01
Número de municípios com população entre 60.001 – 70.000	02	Número de cidades com população entre 60.001 – 70.000	-
Número de municípios com população < 100.000	01	Número de cidades com população < 100.000	01
TOTAL	89		89

Fonte: IBGE, 2000

Org.: PEREIRA, Anete M., 2006

Figura 3: Distribuição da população do Norte de Minas por município e por cidade

A distribuição da população urbana também segue um padrão semelhante, sendo que 79 cidades possuem menos de 20 mil habitantes. Diante do exposto, predomina na região pequenas cidades, sendo que as maiores concentrações urbanas ocorrem em Montes Claros, Janaúba e Pirapora.

Considerando estes dados, fazemos referência à Santos (1988, p 51) quando este afirma que “a pequena cidade, que preferimos chamar de cidade local, torna-se o centro funcional mas não dinâmico da região circundante”. Nesse sentido, a maioria das cidades norte-mineiras pode ser definida como locais, pois dispõem de uma fraca

² Estimativa do IBGE, 2006.

capacidade polarizante e exercem funções pouco complexas. Entretanto, é preciso ressaltar que algumas cidades da região como Janaúba, Salinas, Bocaiúva, Pirapora e Januária, apesar de dependentes de Montes Claros em alguns tipos de serviços mais específicos, exercem outras funções além daquelas das cidades locais.

Já a cidade de Montes Claros pode ser considerada, dentro do contexto regional, como uma cidade média. Para Santos (1988, p. 89/90), “as cidades intermediárias, que hoje são também chamadas de ‘cidades médias’, a que então chamávamos de ‘centros regionais’, são o lugar onde há respostas para níveis de demanda de consumo mais elevados”. Este mesmo autor acrescenta que

a função dessas cidades, qualitativa e quantitativamente intermediárias, é a de proporcionar serviços de nível médio e produtos mais diversificados do que podem vender as sociedades locais. É uma das razões porque seu número e sua importância variam em relação com a capacidade de consumo da população interessada (SANTOS, 1988, p. 50)

Assim, tendo em vista a realidade regional, Montes Claros representa “a cidade-pólo”, “a cidade mais importante”, “o centro urbano com serviços e comércio mais diversificados”, produzindo bens e serviços, possuindo uma infra-estrutura de suporte que, por sua vez, permite os fluxos mais diversos com as cidades da região.

Montes Claros: centralidade e polarização regional

Ao realizarmos uma revisão da literatura específica verificamos que, desde as décadas de 1950 e 1960, Montes Claros é classificada, nos estudos sobre a rede urbana de Minas Gerais, como um centro regional, embora considerado “subequipado para poder intensificar seu poder de polarização, situação que era reforçada pela fragilidade das infra-estruturas de transportes regionais” (Arruda e Amorim Filho, 2002, p. 194).

Estudo realizado por Andrade e Lodder (1979), no final da década de 1970, identifica Montes Claros como uma cidade média, considerando como critério a sua dinâmica demográfica. Nessa mesma década, a cidade foi incluída no Programa Cidades de Porte Médio, parte integrante da política pública definida pelo II Plano Nacional de Desenvolvimento (PND).

Também no estudo de Amorim Filho, Bueno e Abreu (1982) Montes Claros foi classificado como uma cidade média de nível superior que, pela sua funcionalidade,

exerce o papel de verdadeira capital regional. Já o estudo do IPEA/IBGE/UNICAMP (1999) identificou, no sistema urbano do norte de Minas Gerais, apenas a cidade de Montes Claros, classificada como um centro regional 2. Esse nível de cidade polariza apenas os municípios de seu entorno.

Pereira e Lemos (2004), ao analisarem as cidades médias mineiras, propuseram uma classificação baseada na capacidade de polarização intra-regional. Para esses autores, o Norte de Minas tem Montes Claros como meso-pólo, classificado como “enclave agropecuário”.

Em todos esses estudos, a cidade de Montes Claros surge como um centro regional que comanda as áreas do seu entorno e os municípios com menor diversidade de atividades econômicas. Questionamos até que ponto esse centro urbano é referência para os demais municípios da região e quais as relações são mais estreitas entre as cidades norte-mineiras e especificamente, com Montes Claros.

Para compreendermos o contexto regional e as relações externas de Montes Claros, precisamos pensar a especialização funcional do centro principal, no que se refere aos serviços e comércio de maior alcance financeiro e geográfico, que têm como clientela os próprios moradores e habitantes das cidades vizinhas, bem como a situação dos centros menores, que possuem serviços de menor densidade e alcance. Os limites que podem possibilitar essa análise encontram respaldo no cruzamento de dados demográficos, sociais e econômicos.

Tentando compreender tal problemática, buscamos na formação sócio-espacial da região alguns indicadores que nos conduzisse às respostas necessárias. Assim, cabe lembrar que a organização espacial do Norte de Minas foi forjada a partir dos grandes latifúndios destinados à prática da pecuária, desde o período colonial, atividade que ainda é importante na atualidade. Montes Claros, que no período colonial era ponto de passagem para tropeiros, no final do século XIX já se constituía no principal centro de comércio da região. Com a implantação da ferrovia, em 1926, essa posição se consolida e, já em meados do século XX, em sintonia com o ideário desenvolvimentista que tomava conta do país, a imagem da cidade era associada à idéia de progresso, um local promissor: a “Princesa do Norte”, o “Coração robusto do Sertão”.

Essa imagem começou a ser modificada a partir de 1959, quando o governo Kubistcheck criou a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste - SUDENE. Tornou-se muito conveniente para a cidade e a região serem identificadas com o Nordeste, "região das secas" e do "abandono". Houve um grande empenho em fazer parte da área de atuação da SUDENE, já que essa superintendência

foi criada tendo como objetivo promover o desenvolvimento da região nordeste do país, em especial o industrial, com base em recursos obtidos a partir de incentivos fiscais e financeiros e também com investimentos estatais que visavam a provisão de infra-estrutura viária e energética na região. O objetivo era tornar a região atraente para os capitalistas. (OLIVEIRA e SILVEIRA, 2005, p. 10532)

A região foi inserida na área da SUDENE em 1965 e Montes Claros, que já possuía certa infra-estrutura urbana, atraiu a maior parte dos investimentos industriais. De acordo com Oliveira (2000) a industrialização ficou concentrada, basicamente, em Montes Claros que, até 1979, havia recebido 54,8% do número de projetos incentivados. A década de 1970 pode ser considerada como a fase de maior crescimento da indústria em Montes Claros e, conseqüentemente, do seu processo de urbanização. A partir dessa época, a população urbana supera a rural, chegando a representar, em 2000, 94% do total.

Podemos mesmo afirmar que a inclusão do Norte de Minas na área de atuação da SUDENE³ contribuiu para alterar a espacialidade regional. Cardoso (1996, p. 238 e 239) resume as inovações em sete pontos importantes: a implantação de diversos empreendimentos em vários setores produtivos regionais; a intensificação do processo de expropriação ou expulsão do homem do campo; a intensificação das atividades de reflorestamento e carvoejamento; a emergência de projetos agroindustriais e de fruticultura; a expansão das atividades de transformação, com o conseqüente aumento da representatividade econômica das áreas mais industrializadas; a relativa

³ Antes da criação da SUDENE, a região já recebia atenção especial do governo federal por causa das secas. Em 1909, foi criada a Inspetoria de Obras Contra as Secas – IOCS –, transformada em Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas – IFOCS – em 1911, transformada em Departamento Nacional de Obras Contra as Secas DNOCS – em 1945. Também a criação, em 1940, da Companhia Hidroelétrica do São Francisco – CHESF – e da Comissão do Vale do São Francisco – CVSF e do Banco do Nordeste do Brasil – BNB – em 1952 se inserem nesse contexto de buscar soluções para os problemas da região Nordeste.

desconcentração das atividades terciárias; e o aumento do grau de urbanização das localidades consideradas pólos ou micro-pólos regionais.

Com a crise da SUDENE⁴ e sua extinção no início da década de 2000, o setor industrial, que já vinha perdendo importância na composição do PIB municipal, passou a ocupar um papel menos expressivo na economia, como é evidente na figura 4 que mostra a evolução da composição do PIB de Montes Claros.

**PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB) POR SETORES ECONÔMICOS A PREÇOS
CORRENTES 1998 A 2003, MUNICÍPIO: MONTES CLAROS/MG** Unidade R\$ (mil)

ANO	AGROPECUÁRIO	%	INDUSTRIAL	%	SERVIÇO	%	TOTAL
1998	42.139	3,0%	694.884	51,0%	637.258	46,4%	1.374.282
1999	51.675	4,0%	570.606	44,6%	657.495	51,4%	1.279.776
2000	53.972	3,7%	679.249	46,1%	738.736	50,2%	1.471.957
2001	49.948	3,3%	679.732	44,4%	800.342	52,3%	1.530.022
2002	66.875	4,1%	718.227	43,9%	850.993	52,0%	1.636.095
2003	71.493	4,0%	753.752	42,4%	954.158	53,6%	1.779.402

Fonte: Fundação João Pinheiro, 2006.

Figura 4: Montes Claros: PIB por setores econômicos

De acordo com os dados da figura 3, o setor terciário tem-se destacado como o principal componente do PIB municipal. O comércio diversificado, a expansão de atividades de apoio, transportes, setores financeiros, comunicação, saúde, educação, cultura e lazer, bem como a presença de órgãos estaduais (que possuem escritório regional apenas em Montes Claros) despontam como as atividades mais importantes na economia municipal e contribuem para confirmar o importante papel regional que essa cidade representa.

Através de visita a campo e realização de entrevistas com representantes da administração municipal, em cada cidade do Norte de Minas, tivemos a oportunidade de constatar que Montes Claros é, de fato, para as demais cidades norte-mineiras, o seu centro urbano de referência, conforme exposto na figura 5.

⁴ A SUDENE foi extinta em 2001 através de uma Medida Provisória de Governo Federal, sob evidências de inúmeras fraudes no uso de recursos públicos. No seu lugar foi criada a Agência para o desenvolvimento do Nordeste – ADENE.

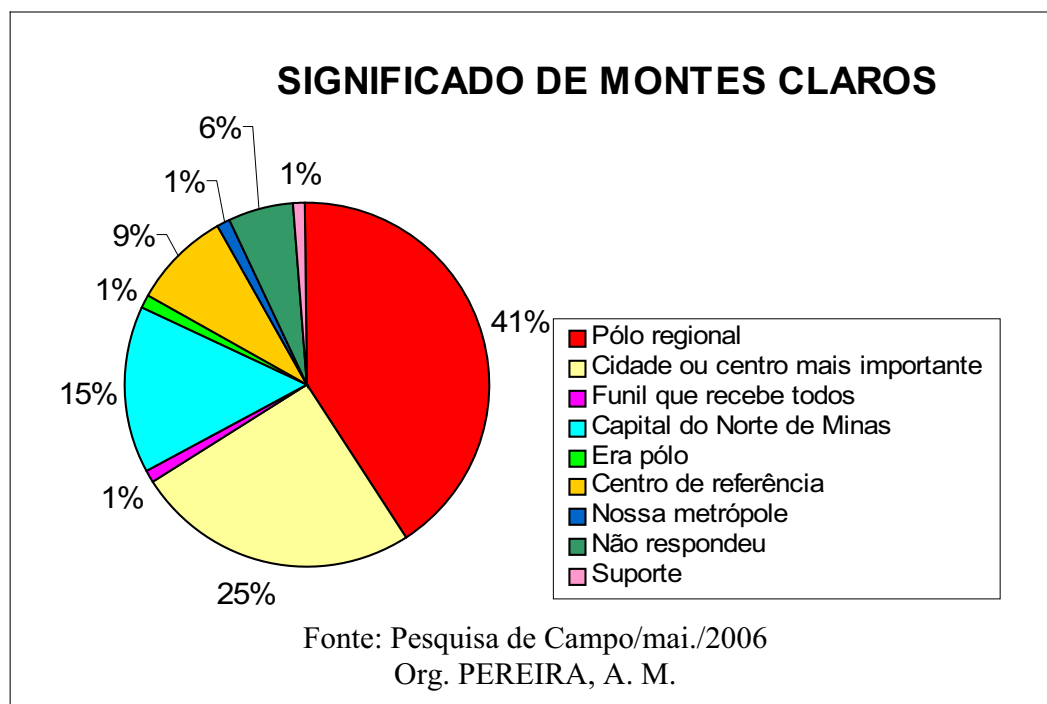


Figura 5 : Significado regional de Montes Claros

A análise do gráfico deixa evidente a importância de Montes Claros para a região, uma vez que, para mais de 90% dos entrevistados, essa cidade é o pólo regional ou, em outras palavras, a capital da região ou ainda, o centro urbano mais importante.

Quando questionados sobre que tipo de relações as suas cidades mantêm com Montes Claros, os representantes das mesmas destacaram a busca por serviços que não possuem e o comércio variado, notadamente o automotivo. Com exceção de Divisa Alegre, Águas Vermelhas e Riachinho, todos os demais municípios tem como principal relação com Montes Claros os serviços na área da saúde. Um exemplo dessa situação é mostrado na figura 6, a travessia de balsa no rio São Francisco, na cidade de mesmo nome. As ambulâncias, aqui retratadas, são de cidades como Urucua, Pintópolis, Chapada Gaúcha e São Romão que se destinam a Montes Claros.⁵

⁵ A fotografia foi tirada às 06 horas, antes do nascer do sol.



Figura 6: Travessia da balsa – São Francisco
Autor: PEREIRA, A M. mai./2006

Montes Claros exerce uma centralidade ímpar no setor de saúde e dela depende a maioria dos municípios norte-mineiros. Podemos constatar ainda que em mais de 50% dos municípios o setor de saúde restringe-se à atenção básica ou básica ampliada. Isso justifica o grande número de ambulâncias que diariamente se deslocam para Montes Claros, vindas dos mais diversos municípios da região. A posição de Montes Claros, no plano diretor de regionalização da saúde, como Macro Pólo Regional é justificada pela variedade e oferta de serviços de maior complexidade. De acordo com o IGBE (2000), existiam em Montes Claros 138 estabelecimentos de saúde, sendo 52 públicos e 86 privados, com 739 leitos disponíveis para o Sistema Único de Saúde - SUS.

Há, em Montes Claros, uma rede de hospitais, clínicas e serviços de saúde interligados, assim como serviços médicos especializados o que torna a cidade uma referência regional. Além da localização dos serviços de saúde, os aspectos ligados aos movimentos sociais, circulação de pessoas, mercadorias ou informações também são considerados quando estamos abordando a relação cidade e região. É possível

identificar também sedes de empresas de seguro saúde, seguindo a lógica nacional do sistema de saúde privado. Atrelado ao sistema de saúde, encontramos também grandes redes de farmácias e drogarias, lojas e magazines, especializados na venda de artigos de diferentes origens.

Também na área da educação, em todos os níveis de ensino, a cidade é referência na região norte-mineira. A trama social e espacial vinculada ao setor educacional cria, de forma cada vez mais contundente, uma reorganização do espaço regional, tendo Montes Claros como centro difusor do referido serviço. Encontramos em Montes Claros a UNIMONTES, um *campi* da UFMG, ambas públicas, e seis faculdades particulares, nas quais são realizados cursos nas mais diferentes áreas do conhecimento científico. Existem em algumas cidades norte-mineiras, cursos de graduação ligados a Universidades/Faculdades com sede em outras regiões ou estados, que atuam principalmente, através de cursos virtuais.

Cabe ressaltar que a expansão dos setores de saúde e ensino superior em Montes Claros implica uma série de mudanças econômicas e sociais com reflexos diretos na organização de outras atividades a eles associados, como as atividades imobiliárias, restaurantes, o comércio, o lazer, dentre outras. Assim, os fluxos intra-urbanos e inter-regionais passaram, nos últimos anos, por transformações visíveis, em função das alterações econômicas em curso e da redução da participação do estado enquanto indutor do desenvolvimento.

Também na área comercial, há um maior desenvolvimento da cidade de Montes Claros (figura 7), haja vista o fato de que o papel de um centro regional também é caracterizado por sua capacidade de distribuição, à região, dos bens necessários. Montes Claros centraliza os serviços ligados ao mercado automobilístico, bem como concessionárias de veículos novos e usados. Na nossa pesquisa de campo essa atividade aparece como a segunda mais importante, uma vez que quase todos os municípios, com exceção de Riachinho, buscam esse bem em Montes Claros. A cidade possui ainda, uma vasta rede de comércio varejista, na qual predominam médias e pequenas empresas. Não há, na cidade, nenhum hipermercado, apenas uma média de 45 supermercados que, pela variedade de produtos e preços, atraem consumidores das cidades vizinhas.

A localização nessa cidade de diretorias regionais de órgãos e instituições governamentais, também confirma a centralidade de Montes Claros, sendo que todos os municípios da região mantêm relações com a cidade em virtude desse fator.



Figura 7 –Cidade de Montes Claros
Fonte: montesclaros.com, 2005

Quanto aos fluxos existentes, verificamos que a disseminação da informação na região e mesmo o deslocamento de pessoas e mercadorias são mais fáceis para os municípios que estão mais próximos de Montes Claros e que com ele mantêm relações mais estreitas. Essa facilidade de manutenção de fluxos é justificada pela existência de uma rede de estradas em melhor estado de conservação, bem como pelo alcance das redes de rádio, de televisão e pelos jornais.

Como resultado desses processos, a rede urbana regional tem Montes Claros como principal pólo. Podemos caracterizar essa rede como pouco densa, desarticulada,

com forte dependência do seu principal centro, além das longas distâncias entre os núcleos urbanos. A figura 8 demonstra, de forma generalizada, a organização da rede urbana regional.

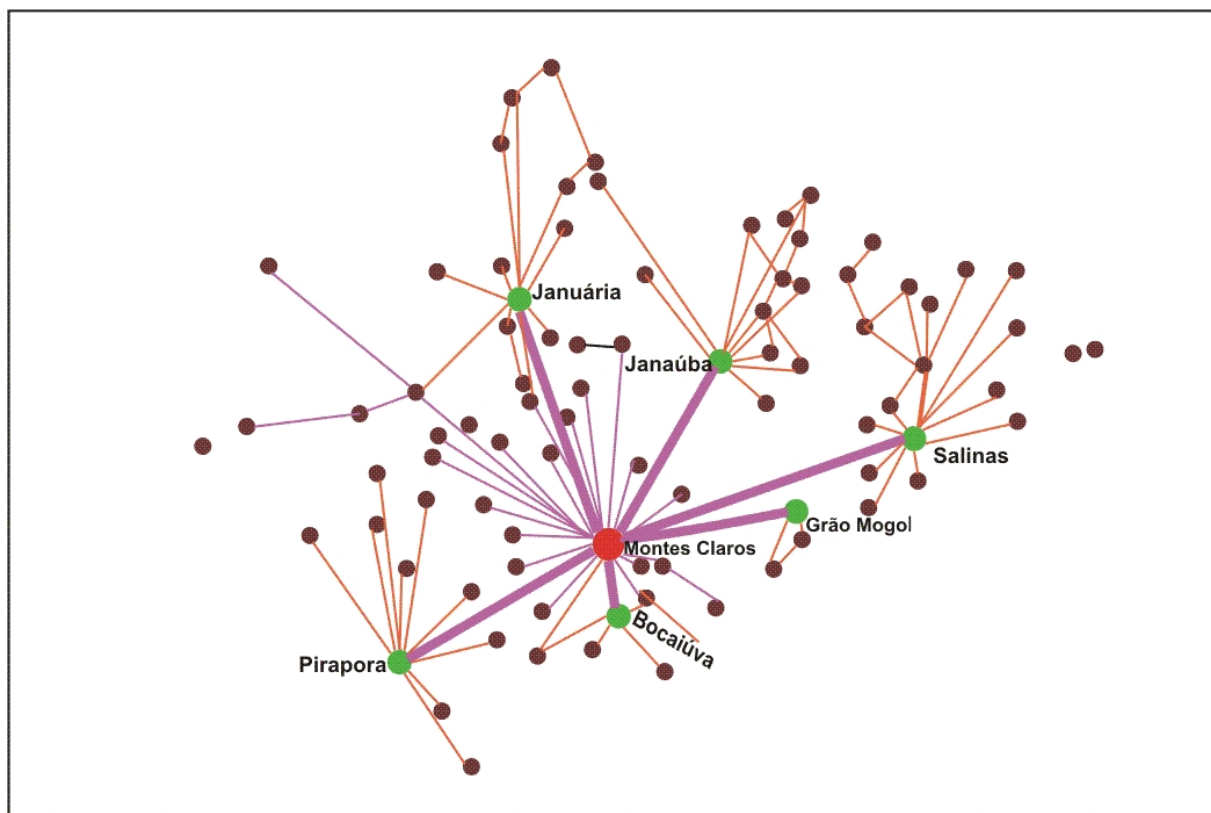


Figura 8: Representação da rede urbana do Norte de Minas

Todos os municípios, de forma direta ou indireta mantêm relações com Montes Claros. Cidades como Bocaiúva, Pirapora, Janaúba, Salinas e Grão Mogol possuem infra-estrutura em alguns setores e são capazes de atender a demanda de cidades do seu entorno, principalmente no comércio varejista e nos serviços de menor complexidade à saúde. Consideramos essas cidades como centros emergentes. A maioria das outras cidades, são centros locais, sendo que alguns possuem uma precária infra-estrutura urbana, comércio local restrito, deficiência no acesso e forte dependência do poder público local. As figuras 9, 10 e 11 mostram alguns aspectos dessas pequenas cidades do Norte de Minas, que apresentam forte ligação com atividades rurais tradicionais e carência de serviços urbanos.



Figura 9 – Cidade de Mamona
Autor: PEREIRA, mai./2006



Figura 10 – Secagem de feijão na Cidade de São João do Pacuí
Autor: PEREIRA, mai./2006



Figura 11 : Cidade de Botumirim
Autor: PEREIRA, mai./2006

O sistema urbano liderado por Montes Claros abrange extensa área territorial. Essa centralização exercida por Montes Claros pode ser explicada por sua localização numa

região caracterizada por fraco dinamismo econômico e baixo nível de bem-estar social, além do fato de estar distante de outros centros superiores na hierarquia urbana. Essa idéia encontra respaldo nas palavras de Santos (1989, p.17), quando afirma que

nas zonas onde a divisão de trabalho é menos densa, em vez de especializações urbanas, há acumulação de funções numa mesma cidade e, conseqüentemente, as localidades do mesmo nível, incluindo as cidades médias, são mais distantes umas das outras.

Nessa perspectiva, percebemos que no caso do Norte de Minas, Montes Claros é a única cidade da região capaz de oferecer serviços mais complexos e comércio mais diversificado, nutrindo de informação, tecnologia, bens e serviços os centros emergentes e as pequenas cidades, que fazem parte da rede urbana regional.

Considerações finais

Concluimos que, hoje, é a demanda por bens e serviços, considerando a frequência com que se realiza, que torna os lugares distintos entre si. Portanto, é esse fator que peculiariza as redes urbanas regionais.

A cidade de Montes Claros surge como um centro regional que comanda as áreas do seu entorno e os municípios com menor diversidade de funções. Abriga fluxos regulares de mercadorias, pessoas, informação, interagindo com a capital estadual (que a polariza) e com municípios vizinhos. Entretanto, é importante ressaltar que a pobreza da população, o isolamento de alguns municípios, a inércia do poder público em atrair investimentos e a falta de empregos criam um quadro de estagnação na maior parte da região e aumenta a dependência das pequenas cidades em relação a Montes Claros.

Referências

AMORIM FILHO, O. B e RIGOTTI, J. I. de. (2003) Os limiares demográficos na caracterização das cidades médias. **Caderno Geográfico**, Belo Horizonte, v. 13, n. 20, p. 21-38.

AMORIM FILHO, O. B., BUENO, M. E. T. e ABREU, J. F. (1982) Cidades de porte médio e o programa de ações sócio-educativo-culturais para as populações carentes do meio urbano em Minas Gerais. **Boletim de Geografia Teórica**, Rio Claro – SP, v. 2, n. 23-24, , p.33-46.

ANDRADE, T. A. e LODDER, C. A. (1979) **Sistema urbano e cidades médias no Brasil**. IPEA. Rio de Janeiro: IPEA/INPES.

ARRUDA, M. A. e AMORIM FILHO, O. B. (2002) Os sistemas urbanos. In: **Minas Gerais no século XXI**. Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais. Belo Horizonte: Rona Editora.

BECKER, B. K. e EGLER, C. A. G. (1994) **Brasil – uma nova potência regional na economia-mundo**. 2 ed, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

CARDOSO, J. M. A. (2000) A região Norte de Minas Gerais: um estudo da dinâmica de suas transformações espaciais. In: OLIVEIRA, Marcos Fábio M. de, RODRIGUES, Luciene (org.) **Formação social e econômica do norte de Minas**. Montes Claros: Ed. Unimontes, p. 173-346.

CORRÊA, R. L. (2000) Rede urbana e formação espacial - uma reflexão considerando o Brasil. **Território**, Rio de Janeiro: Garamond, a. V, n.8, jan./jun, p.121-129

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico 2000. Disponibilidade e acesso: <<http://www.ibge.gov.br>>

_____. **Cidades@**.ibge.br [on line]. Belo Horizonte: FIBGE, [2000]. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat>> Acesso em: 2004-2005.

IPEA. (2002) **Atlas de desenvolvimento humano**.

IPEA. (2001) **Caracterização e tendências da rede urbana do Brasil: redes urbanas regionais: Sudeste**. IPEA/IBGE, UNICAMP/IE/NESUR, SEADE. Brasília, v. 5.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. (2003) Produto Interno Bruto de Minas Gerais Municípios e Regiões - 2000. **Informativo CEI**. Belo Horizonte, Abril. Disponibilidade e acesso: <<http://www.fjp.gov.br>>.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. (1975) Plano de Conservação, Valorização e Desenvolvimento de Ouro Preto e Mariana. (**Relatório Síntese**). Belo Horizonte: FJP.

GERVAISE, Yves. (1975) **A transformação agrária do Nordeste Meridional (Norte de Minas Gerais)**. Belo Horizonte: UFMG,.

OLIVEIRA, Marcos Fábio M. de. (2000) O processo de formação e desenvolvimento de Montes Claros e da área mineira da SUDENE. In OLIVEIRA, Marcos Fábio M. de, RODRIGUES, Luciene (org.) **Formação social e econômica do norte de Minas**. Montes Claros: Ed. Unimontes, p. 13 – 103.

OLIVEIRA, Marcos Fábio Martins de e SILVEIRA, Mário Sérgio Costa da. (2005) **Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste (FNE): uma visão geral e sua atuação em MontesClaros (MG)**. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – 20 a 26 de março – Universidade de São Paulo

PAVIANNI, A. (1992) **A questão epistemológica da pesquisa urbana e regional**.(org.) Brasília: Edunb.

PEREIRA, F. M. e LEMOS, M. B. (2004) Cidades médias: uma visão nacional e regional. XI Seminário sobre economia mineira. Diamantina, 24 a 27 de agosto. **Anais...** Disponível em <http://www.cedeplar.ufmg.br>

QUEIROZ, B.L. (2001) Diferenciais de salários nas microrregiões mineiras. Belo Horizonte. 191 p. **Dissertação**. Faculdade de Ciências Econômicas – Universidade Federal de Minas Gerais.

SANTOS, Milton. (1988) Espaço e sociedade no Brasil: a urbanização recente. **Geosul**. Florianópolis: UFSC, ano III, n. 5, p.85-100.

_____. (1989) **Modernidade, meio técnico-científico e urbanização no Brasil**. Trabalho apresentado no International Symposium on Latin American Urbanization, Tsukuba, 23-27 de outubro.

_____. (1985) **Espaço e método**. 3 ed. São Paulo: Nobel, 88 p.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (2001) As cidades médias e os contextos econômicos contemporâneos. SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (org) **Urbanização e cidades: perspectivas geográficas**. Presidente Prudente: (s.n).